

Ser, no feminino*

Mônica Sette Lopes**

A revista Cult de março de 2009 trouxe vários artigos sobre questões femininas. Mas a amiga que publicou nela um de seus trabalhos, chamou a atenção para um dado paralelo: as fotos são lindas. Verdade. Elas chegam a mostrar mais do que os textos, escancarando a experiência congelada na forma das imagens. Como se debulhassem as palavras. Tudo junto, texto e imagem reviraram o desejo de realizar o mesmo conteúdo em outras fotos antigas que mostravam o rosto feminino em variada angulação.

Uma mulher solitária ao lado dos colegas. No verso, a passagem da linha do tempo: “1º ano de Odontologia. 15.11.1923.” A moça na foto sempre deu a impressão de estar solitária demais. Pode ser até que não estivesse. Pode ser que a sensação de exclusão seja de quem recupera a cena décadas depois. Que seja da história da intérprete diferida. Que seja da memória conjugada de outras mulheres.



Magda Guadalupe dos Santos pontua no artigo da revista citada, referindo-se ao pensamento de Simone de Beauvoir:

* Este texto é uma pequena homenagem a Maria de Lourdes Ribeiro de Vilhena, que nasceu em 21 de setembro de 1902 e faleceu em 1928, rompendo a vida e a maternidade em projeção.

** Juíza da 12ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte. Professora dos cursos de graduação e de pós-graduação da Faculdade de Direito da UFMG e residente do IEAT/UFMG. Doutora em filosofia do direito.

“Pensar a autonomia, pensar a liberdade, explicar porque o feminino foi transformado em condição menor, em o *outro* da cultura, é tentar vasculhar uma trajetória de descompassos e subterfúgios crivados temporalmente. Repensar essa trajetória implica tentar modificá-la e buscar instaurar o lugar da reciprocidade no contexto das relações humanas, compreendendo *alteridade e identidade* num mesmo patamar axiológico”¹.

Ela conclui chamando a atenção para a necessidade de constante revisão do discurso neutro “da filosofia e da ciência”², “para não cair em lugares-comuns, relegando o *outro*, o *diferente*, a uma instância de solidão, em que cada um fala sozinho num mundo de solitários indivíduos travestidos de homens e mulheres”³.

Há um livro muito interessante que costura a narrativa em torno de mulheres invisíveis, jogando luz numa *outra história*, muito além da oficial. Ele traça o percurso de mulheres cuja identidade não se transpôs para os registros do tempo de heróis e de façanhas, de ouro e de riqueza. Ele analisa vestígios que normalmente ninguém tem interesse em escavar. O pano de fundo são as variantes do trabalho e a expansão da cena fora do circuito de dominância econômica tradicional. O nome do livro já diz bastante: *O avesso da memória*. E o subtítulo explicita: Cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no Século XVIII. O estudo mostra o paradoxo da condição feminina entre realidade e relato. Obrigadas a trabalhar para sobreviver, em meio ao *falso fausto* das Minas Gerais setecentistas, essas mulheres pobres representavam um *dúplice papel*:

“A mulher em Minas enfrentou com determinação as formas tradicionais de exclusão que aí emergiram. Apesar de excluídas pelos poderes formais, participam ativamente através do mundo do trabalho. Em meio às desigualdades, à pobreza e à violência, lutaram incessante e cotidianamente contra o reduzido campo de participação que encontravam. Atuam com devoção nas irmandades leigas, carregam gamelas com pesado minério, chefiam unidades familiares, sustentando marido e filhos através do desafiador comércio de quitutes ou arando a terra. (...)”

Numa expressão: rebeldia e resistência. Nas montanhas, rios, campos, caminhos e cidades de Minas Gerais ao longo do século XVIII, a mulher enfrentou os riscos e superou as tradições através de uma ativa participação econômica e social. Soube, com habilidade, nessa tensa realidade colonial, conciliar seu lugar tradicional com novos e dinâmicos papéis, na alegria dos

¹ SANTOS, Magda Guadalupe dos. Beauvoir e os paradoxos femininos. *Cult*, a. 12, n. 133, março/2009, p. 61.

² Op. cit., p. 61.

³ Op. cit., p. 61.

batuques, nas conspirações de taberna, no mágico universo da feitiçaria, no disputado mundo do trabalho.”⁴

E onde se esconde a história delas? E onde se esconde a história de cada uma de nós?

Um dos capítulos deste livro é introduzido pela letra de uma canção de Milton Nascimento e Fernando Brant. Beco do Mota. Homens e mulheres dissolvidos na noite deste país, num lamento como água-viva, algo que dói no surpreendente de sua invisibilidade⁵. O descompasso na vivência da alteridade nunca suficientemente apreendida. O descompasso da identidade que não se consolida porque não se absorve o valor deste outro feminino que parece não *fazer* história.

A solidão nas dificuldades de inserção da personalidade pelo trabalho pode ser *lugar-comum* entre homens e mulheres. Mas *ser, no feminino*, constitui uma experiência de solidão ainda maior. Algo com a angústia do afogado enquanto afoga. A sofreguidão de querer varar e ter lugar na igualdade, mas pode ser posto para baixo com a força da (in)diferença. Algo que se faz com as mulheres, mas que não se faz quando se está entre os homens. Sempre com uma dose de silenciamento. Na imposição do deixar de ser, do esconder o que a cultura do feminino exige e entrar de cabeça no reino onde os homens travam a luta pela vida do modo de sempre. Na imposição de se transformar, acomodada e placidamente, no que os homens esperam do corpo, do pensamento, da alma femininos.

Isto não se faz, porém, numa escala de lógicas milimétricas, de pensamentos concatenados, de projetos divisados, de planejamentos amplamente debatidos. Há um *sub-reptício*, um *não-dito*, um *não-admitido* neste desejo de afogar o feminino. De esconder um papel que ele sempre teve, mas que fica invisível numa história que é normalmente contada à *moda* masculina. O avesso é sempre a parte que toca corpo e alma desta parte silenciosa da humanidade.

A moça da foto pode ter saído de uma cidade como a Diamantina onde estava o Beco do Mota para estudar odontologia em Belo Horizonte. Única mulher de sua turma, pode ser que ela nunca tenha exercido sua profissão. Ela pode ter se apaixonado por um homem que vivia seu tempo e que tenha seguido a linha

⁴ FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no Século XVIII*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, p. 201.

⁵ Para ver-ouvir *Beco do Mota*, <http://www.youtube.com/watch?v=RGvrHrwHFmI>.

emblemática do *mulher-minha-não-trabalha-fora*. Um bom homem em seu tempo, certamente. A foto ficou porém. E a imaginação sobre ela no circunspecto com os colegas. E a imaginação sobre todos os silêncios da vida inteira. Um sorriso nos lábios a vida inteira. Indeterminado. O olhar docemente posto nos seres que se fizeram dela em meio aos subterfúgios do tempo.

Porque não há como medir o tamanho do tempo e do espaço em que a solidão e o silêncio de cada mulher identifica-se nesse avesso da memória.